

UNIVERSIDADE CANDIDO MENDES – UCAM

ANGELO DE CASTRO PEREIRA

**DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: UMA REFLEXÃO
SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO**

Ponta de Pedras/Pa

2016

ANGELO DE CASTRO PEREIRA

**DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: UMA REFLEXÃO
SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Candido Mendes - UCAM,
como requisito parcial para a obtenção do
título de Especialista em Docência no Ensino
Superior, sob orientação da Prof.^a Ma. Magali
Fernandes.

Ponta de Pedras/Pa

2016

DOCÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: UMA REFLEXÃO SOBRE O PAPEL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

Angelo de Castro Pereira¹

Prof.^a Ma. Magali Fernandes²

RESUMO

O objetivo deste artigo é propor uma reflexão acerca do papel do professor universitário, para sua elaboração a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, fundamentada em estudiosos renomados como: DAVIS, FERREIRA, FREIRE, GIL, LIBÂNEO, LUCKESI, MASETTO, entre outros, a escolha do tema justifica-se pela necessidade de mostrar o perfil do professor universitário, partindo de uma análise da histórica da docência, dentro do contexto da educação brasileira, observando as práticas deste professor, e qual o seu papel, suas práticas e metodologias aplicadas dentro do contexto universitário, buscando despertar este profissional a superar seus próprios desafios, deixando assim de ser apenas um professor aulista, e passando a ter uma nova prática capaz de promover uma nova educação, com uma postura crítica, não só para ele, mas também para o aluno, de forma a promover uma formação voltada não apenas para o ensino, mas capaz de mostrar ao professor que ministrar aulas de forma ética, é ensinar ao aluno através de experiências de interação, com avaliações serias e construtivas, nesta pesquisa constatou-se que apesar dos avanços ocorridos, das tecnologias e ferramentas disponíveis para auxiliar a docência, ainda temos em pleno século XXI profissionais com metodologias e concepções extremamente tradicionais.

Palavras chave: Ensino, Docência, pesquisa, formação, prática, ética.

ABSTRACT

The aim of this paper is to propose a reflection on the role of a university professor, for their preparation methodology used was literature, based on renowned scholars such as: DAVIS, FERREIRA, FREIRE, GIL, LIBÂNEO, LUCKESI, MASETTO, among others, choice of theme justified by the need to show the profile of the university professor, from a teaching of historical analysis within the context of Brazilian education, observing the practices of this teacher, and what is their role, their practices and methodologies within the university context, seeking to awaken this professional to overcome their own challenges, and thus fail to be just a teacher aulista, and going to have a new practice can promote a new education with a critical attitude, not only for him but also for the student in order to promote targeted training not only for teaching, but able to show the teacher to teach classes ethically, is to teach the student through interaction experiences with serious and constructive evaluations in this research it was found which occurred despite the advances, technologies and tools available to help teaching, we still have in the XXI professionals with methodologies and extremely traditional conceptions century.

Keywords: Education, Teaching, research, training, practice, ethics.

¹Angelo de Castro Pereira, Licenciado Pleno em Pedagogia – Universidade Vale do Acaraú, angelo.castrojl@hotmail.com

²Prof.^a Ma. Magali Fernandes, Orientadora, Universidade Cândido Mendes – UCAM.

INTRODUÇÃO

O presente artigo, através da pesquisa bibliográfica, faz uma reflexão acerca do papel do professor universitário, com o objetivo de fazer uma reflexão sobre o perfil atual do professor universitário e a necessidade de repensar o papel do professor dentro da “era do conhecimento”, buscando descobrir o porquê de não haver uma avanço no ensino compatível com todo avanço tecnológico ocorrido nos últimos anos, busca-se através deste artigo contribuir para o debate em torno de qual profissional temos, entendendo assim o cenário atual e propondo uma reflexão sobre qual a formação adequada para que o professor universitário tenha de fato uma postura voltada para preparação de profissionais capazes de proporcionar um ensino crítico reflexivo, já que se percebe que é importante realizar uma análise das práticas tradicionais de educar através de concepções equivocadas e inadequadas que vão de encontro as necessidade e a realidade da sociedade atual.

Este artigo foi elaborado através de pesquisa bibliográfica, buscando obter dados referentes a formação do professor universitário, qual o perfil deste profissional? qual o seu papel?, qual o professor de nível superior que a sociedade necessita e porque o ensino tradicional ainda esta muito presente dentro do processo de ensino-aprendizagem? Através da pesquisa busca-se as respostas para esclarecer o que é necessário para que tenhamos um professor que realmente seja o mediador do processo e não um simples transmissor de conhecimento.

Neste primeiro momento será observado o conceito de docência, partindo da ideia que educar não é apenas transmitir, instruir, educar é preparar o homem para os desafios do cotidiano, ter uma visão critica dos fatos e acontecimentos que envolvem a sociedade e sua própria vida, buscando conhecer o perfil do professor universitário e compreender a função social do ensino superior, também desvendar o porquê de estarmos ainda atrelados a um modelo de ensino superior que do período colonial. Em seguida será enfatizando a importância de que o ensino e a ética caminhem juntos, uma vez que todo individuo deveria ser educado dentro de uma visão de professor-ético para assim contribuir com o desenvolvimento científico e cultural da sociedade onde esta inserido e por fim pensar na ética profissional do professor e na aplicação de uma avaliação ética, uma ação que possibilite realmente avaliar o processo e não apenas o aluno.

DEFINIÇÃO DE DOCÊNCIA

Estamos vivendo um século onde a tecnologia está presente em cada esquina, em todos os cantos das cidades, no campo, nas escolas e presente a toda hora na palma da mão das pessoas, vivemos hoje a chamada “ERA DO CONHECIMENTO”, e dentro deste contexto não podemos fugir da realidade, sendo assim necessário repensar e refletir sobre a prática docente, sobre o processo de construção do conhecimento dentro do ensino superior, já que o principal objeto de qualquer nível da educação é a aprendizagem, que se dará se o processo de ensino for realmente eficaz. Dentro desta reflexão se faz necessário conhecer o que é docência.

Gómez Pérez (1997, p. 112), define docência como prática baseada na reflexão sobre a ação propondo uma reflexão sobre um conjunto de questões educativas.

Um processo de investigação na ação, mediante o qual o professor submerge no mundo complexo da aula para compreendê-la de forma crítica e vital, implicando-se afetiva e cognitivamente nas interações da situação real, questionando as suas próprias crenças e explicações, propondo e experimentando alternativas, participando na reconstrução permanente da realidade escolar.

Desta forma o papel do professor não se limita a dar aula, a transmitir saberes, mas ser um mediador do processo de construção do conhecimento, propondo uma troca de experiências entre educador e educando, instigando desta forma o professor a ser também um investigador, capaz de fazer do ato de ensinar algo significativo. Para Freire (1996, p. 22-23) “Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar de diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

Diante das afirmações podemos dizer que a docência é constituída no processo de ensino-aprendizagem, na gestão dos conteúdos e dos contextos, na pesquisa, na efetivação da gestão democrática do ensino, assim podemos caracterizar o exercício docente como um processo de construção de saberes e não de transmissão de conteúdos, na produção e incentivo a cultura, tornando o formando ser capaz de se apropriar do conhecimento.

Nesta visão o docente é um ser em constante interação com o seu discente, tornando o saber científico parte da realidade e do contexto daqueles que fazem parte do processo de ensino-aprendizagem.

Assim, os conceitos de docência hora apresentados, vão de encontro à prática “aulista” de alguns professores, o que mostra que foi necessário analisar a prática docente de hoje e a praticada no passado, buscando então outros horizontes para o exercício da docência.

O ENSINO SUPERIOR BRASILEIRO

Até o início do século XIX, os brasileiros que buscavam cursar o ensino superior tinham que se deslocar até a Europa, onde havia a possibilidade de estudar, com a chegada da família real, em 1808, foram oferecidos os cursos superiores, no entanto em estabelecimentos isolados com a finalidade de atender aos interesses políticos e econômicos, voltados para a formação profissional, e não a teórica, não estavam preocupadas em formar de forma teóloga. [...] O fato dos cursos que surgiram terem se voltado ao ensino prático [...] e serem ministrados em faculdades isoladas, marcou de forma contundente o ensino superior no Brasil e explica muitas distorções que até hoje são marcadas em nosso sistema. (RAUBER, 2009, p. 57).

Havia, portanto o interesse claro, da coroa, de formar profissionais que servissem diretamente aos interesses da coroa, sem a idéia de universidade e sim escolas profissionalizantes superiores, sem nenhum fim de atender a população, mas sim atender as classes dominantes e o seu consumo, para isso os cursos superiores criados pelo imperador atendiam as necessidades profissionais da colônia. Precisavam de pessoas educadas, mas também precisavam garantir a subserviência a Portugal, manter o Brasil sempre colônia, impedindo assim a possibilidade de independência.

Na segunda década do século XIX, por volta de 1820, foram então criadas as primeiras escolas Régias Superiores, em Pernambuco, na cidade de Olinda com o curso de Direito, na Baía, oferecendo o curso de Medicina, na cidade de Salvador e na cidade do Rio de Janeiro, o curso de Engenharia, depois de alguns anos outros cursos foram criados como: Agronomia, Química, Desenho Técnico, Economia Política e Arquitetura

Segundo Masetto (2008) o ensino superior brasileiro teve como fundamento o modelo da educação europeia. A educação superior foi fundamentada no modelo francês, sendo uma escola autárquica, dando grande ênfase às ciências tecnológicas e exatas, deixando de lado as ciências humanas, a teologia e a filosofia, afinal os cursos superiores não precisavam de uma formação humanística, mas sim uma formação específica de acordo com a

área escolhida, tendo um conteúdo seriado, com disciplinas que estivessem diretamente ligadas ao exercício da profissão.

Em 1920, um século após de criação das chamadas Escolas Régias Superiores, foi criada a primeira Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no entanto o ensino superior ainda formava seus universitários de forma conteudista, através da pura transmissão de conhecimentos, com professores que eram formados na Europa, principalmente da universidade de Coimbra. Neste período era exigido do docente a experiência em ensinar, a graduação e o conhecimento do conteúdo específica de cada área para formar determinado profissional, não existia a preocupação com a metodologia, mas sim que o docente conhecesse a prática, tivesse domínio do conteúdo, afinal 'para ensinar bastava saber a matéria.

Só recentemente os professores universitários começaram a se conscientizar que a docência, como a pesquisa e o exercício de qualquer profissão exigem capacitação própria e específica. O exercício docente no ensino superior exige competências específicas, que não se restringem a ter um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre ou doutor, ou ainda, apenas o exercício de uma profissão. Exige isso tudo, além de outras competências próprias. (MASETTO. 2008.p.11)

Neste contexto o professor era o dono do saber, era o transmissor do conhecimento, sendo ele o responsável em julgar que estava apto ou não a exercer uma determinada profissão, utilizando avaliações simples que determinavam que sabia e que não sabia, se poderia ou não receber o diploma. Aqueles alunos que fossem capazes de repetir o que o professor ensinava estava preparado, os demais não, ou seja, quem se saísse bem nas provas era porque estudava, tinha capacidade de aprender, caso contrário se não conseguisse a nota desejada era porque não tinha estudado, não frequentava as aulas de forma satisfatória, apenas o aluno tinha a culpa, dentro deste modelo de docência o professor não tinha culpa pelo fracasso do aluno, já que ele sabia o conteúdo, em nenhum momento havia uma reflexão sobre a prática docente, as metodologias, uma auto avaliação do papel do docente.

Neste momento da história o aluno não passava de um mero receptor, totalmente passivo ao processo, apenas recebia do professor o conteúdo e tinha como função gravar o que o professor repassava, não havia diálogo e nenhuma afetividade entre professor e aluno, o aluno não poderia manifestar nenhuma posição quanto a postura do professor, nada disso era levado em conta no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, para ensinar não basta conhecer ou dominar o conteúdo a ser transmitido, já que para Ferreira (2006, p. 209) “[...]”

conhecimento não é doença para ser transmitido [...] é sim um conteúdo precioso a ser construído e lapidado infinitamente”.

Esta realidade não mudou muito, mesmo após quase dois séculos da fundação das universidades o ensino tradicional ainda está muito presente, não que ele não tenha contribuído para a formação intelectual do país, no entanto mesmo passando por muitas mudanças para que as universidades se tornassem espaços mais democráticos que contribuísse para a produção de saberes, formação de cidadãos conscientes e de diminuição na desigualdade social, já que até o início do século XX cerca de dois terços da população era analfabeta, isso porque o ensino superior era privilegio da elite, mas os tempos são outros e a sociedade sofreu transformações, além do grande avanço tecnológico ocorrido nos últimos anos, o que exige uma formação completa do cidadão, de forma integral e não mais fragmentada.

Neste sentido o profissional que se propõe a desenvolver atividade de docência no ensino superior deve além de competência na área de conhecimento também domínio na ação pedagógica, no ato de ensinar. Para passos:

[...] O professor deve ser visto como conceptor e gestor de currículo, preocupando-se com a valorização do conhecimento e sua atualização, com pesquisa, crítica e cooperação, com os aspectos éticos do exercício da profissão, com os valores sociais, culturais, políticos e econômicos, com a participação na sociedade e o compromisso com sua evolução (PASSOS, 2009, p.36).

Diante do que foi exposto, neste breve contexto histórico da educação superior, ficou claro que o docente não precisava de preocupação com a metodologia ou com formação crítica do aluno, para exercer a docência bastava a formação na área específica e a prática para transmitir o conhecimento. Considerando a realidade atual da sociedade e procurando entender a proposta das instituições de ensino superior nos dias atuais, será abordada a seguir qual deve ser o perfil do professor universitário.

DOCENTE UNIVERSITÁRIO E SEU PERFIL

Em relação a formação docente, esclarece Masetto (2008) que o perfil do docente universitário precisa contemplar os quatro eixos: a preparação pedagógica; o professor enquanto gestor e conceptor do currículo; a relação professor-aluno e aluno-aluno dentro do processo ensino-aprendizagem e por fim o domínio da tecnologia educacional. Veremos então

a partir de agora como deveria ser o perfil do professor do ensino superior, dentro destes quatro eixos.

O primeiro refere-se a preparação pedagógica, o domínio pedagógico do conhecimento, o planejamento, os requisitos técnicos, legais, a falta de compreensão sobre o que é e como deve se dar o processo de construção do conhecimento, o processo de ensino aprendizagem, bem como a carência de profissionalismo na docência, diante desta evidencia que Masetto (2008) mostra, Gil (2005, p. 13) argumenta que “[...] a preparação do professor universitário ainda é bastante precária. Isso demonstra que boa parte dos professores que exercem a docência no ensino superior não tiveram qualquer formação pedagógica.

Por parte dos professores universitários há um forte preconceito com a formação pedagógica, não há um reconhecimento do título de pedagogo, por isso não procuram participar de qualquer programa de formação pedagógica, seja por medo ou falta de reconhecimento, seja por puro comodismo, diante disso é comum ouvir que o professor demonstra conhecer sua área, mas consegue dar uma aula satisfatória, não apresenta uma boa metodologia. Talvez um dos motivos desta falta de procura pela preparação pedagógica se dê em razão da própria falta de valorização dos professores pelas universidades, uma vez que não há uma valorização da formação continuada.

Mediante a necessidade da preparação pedagógica no ensino superior, vemos que o professor universitário precisa apropriar-se dos os três requisitos básicos para exercer suas atividades: os requisitos legais, os requisitos técnicos e os requisitos pessoais, apontados por Gil (2005).

Os requisitos legais que Gil (2005) propõe estão previstos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN 9.394/96) no Art.: 66, que assegura que a preparação para o exercício do magistério superior far-se-á em nível de pós-graduação, prioritariamente em programas de mestrado e doutorado, além da Resolução nº. 20/77 do Conselho Federal de Educação, que estabelece que as instituições de ensino superior devem aceitar docentes no seu quadro de funcionários e os candidatos ao cargo de docente devem ter a qualificação básica de pós-graduação comprovada pelo menos com trezentas e sessenta horas lato sensu e levar em conta os fatores relacionados com a disciplina ou o título de Doutor ou Mestre stricto sensu.

Para ele, o professor precisa também conhecer com profundidade a disciplina que irá lecionar e possuir conhecimentos sobre a cultura geral, de modo que consiga inter-relacionar

os aspectos econômicos, sociais e políticos da sociedade em suas aulas. É necessário que o professor tenha domínio das habilidades técnicas que envolvem o funcionamento do Ensino Superior, contemplado o planejamento, a psicologia da aprendizagem, a metodologia a ser usada e por fim a avaliação que deve avaliar o processo e não o aluno.

Buscar novas metodologias e a reformulação da prática docente, é responsabilidade do docente do ensino superior, é o primeiro passo que o professor faça a diferença na formação de seus acadêmicos e sai deste conceito de educação aulista.

No segundo eixo entende o professor como conceitor e gestor do currículo, e então o partindo desta visão o professor precisa ter a consciência que é necessário se libertar da postura aulista e que responsabilidade do conhecimento aplicado em sala de aula é sua. Cabe a ele por meio da aplicação dos conteúdos, estimular seus alunos a pesquisar, valorizar o conhecimento, buscar novos conhecimentos, valorizar os valores éticos, sociais, políticos, culturais, econômicos e morais que devem sustentar a sociedade.

Porém, o currículo tradicional brasileiro, baseado nas concepções educacionais do Século XX, então o que se vê um currículo envolvido de forma profunda a uma política cultural, conduzindo o currículo de forma linear, utilizando a prática para comprovar a teoria, e não para desafiá-la.

Em todo o currículo dos cursos de nível superior, o período de estágio está sempre no final do curso com poucas horas, achando assim que com esta prática o professor estaria preparado para atuar com eficácia e eficiência no mercado de trabalho, entretanto não seria melhor relacionar durante o curso inteiro a prática e a teoria através de pesquisas? desta forma os futuros profissionais teriam um melhor entendimento dos problemas pedagógicos e dos desafios da docência, garantindo assim uma profissionalização mais consistente.

No ensino superior houve e ainda há esta conscientização do ponto de vista curricular pedagógico, tanto que se busca contemplar a unidade de currículo, de forma que, as disciplinas devem ser oferecidas na matriz curricular tendo como principal objetivo, formar o indivíduo plenamente, priorizando tanto a produção do conhecimento por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, quanto a profissionalização dos educandos.

Para efetivar a aplicação do currículo, é assegurado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação que rege a educação brasileira, que o ensino superior tem por finalidade estimular

a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo. Conforme visto, na LDBEN 9.394/96, o Artigo 43, parágrafos III, IV e V que garantem:

Parágrafo III: incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando o desenvolvimento da ciência e da tecnologia e da criação e difusão da cultura e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive. Parágrafo IV: promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação. Parágrafo V: suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração.

A Lei existe, cabe agora as instituições de ensino colocar em prática o que ela determina, mas não significa que mais horas ou mais conteúdos não tragam melhores resultados, o que se propõe é que haja uma conscientização de que deve haver uma preocupação com a ampliação da pesquisa e o aprofundamento da ciência, o aperfeiçoamento das técnicas, aliando a teoria a prática curricular, a atividade interdisciplinar, a capacidade de resolver problemas e refletir sobre eles, além de priorizar a pesquisa e o ensino como parâmetros de melhoria da qualidade da educação. Para isso o docente ter que entender que para que as atividades tenham o resultado esperado é necessário que haja a interação entre os membros do processo ensino-aprendizagem.

No terceiro eixo é enfatizada a relação professor-aluno e aluno-aluno dentro do processo de ensino aprendizagem, partindo do princípio de que o professor é o mediador do processo de construção do conhecimento, permite ao aluno trocar experiências com o professor e todos da classe, garantindo as relações interpessoais.

Para (FREIRE, 1996, p. 22-23), “Não há docência sem discência”, pois cada indivíduo possui sua própria história, suas experiências, e que quando há o compartilhamento destas, haverá o desenvolvimento pleno dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, de forma que o professor neste sentido precisa ter habilidade para propiciar a interação do professor com o aluno e os demais colegas.

Tardif e Lessard (2005, p. 267), afirmam que ser docente no cotidiano nada mais é “[...] do que um conjunto de interações personalizadas com os alunos, a fim de obter

participação deles em seu próprio processo de formação e atender às diferentes necessidades”, assim podemos dizer que não há como deixar de lado o trabalho em equipe, já que proporciona as relações e a cooperação entre os envolvidos. Diante disso podemos chegar a conclusão que ser docente é interagir com o outro, transformando o ofício de professor em uma atividade de interação humana, onde todos participam de voz ativa do processo, afinal “[...] ensinar é trabalhar com seres humanos, sobre seres humanos, para seres humanos.” (TARDIF; LESSARD, 2005, p. 31).

Diante deste pressuposto o docente precisa compreender que a docência, além do trabalho de instruir é um processo voltado para o ser humano, e para haver o desenvolvimento eficaz das atividades planejadas pelo docente, este precisa entender que os educandos são constituídos de saberes, valores, concepções filosóficas, políticas, sociais, culturais e para se constituir conforme os autores, o docente precisa se dedicar a seu parceiro no processo, uma vez que a aprendizagem se dá através da interação entre seres humanos.

Ser educador, formador de outros que serão também educadores, diante desta visão de educação por meio da interação humana, é ter a capacidade de se libertar de suas próprias verdades, construídas ao longo de sua experiência docente, não é apenas depositar no aluno conteúdos, mas dar a ele a possibilidade de construir de forma ética seu conhecimento.

Tratando da formação completa do docente, já se falou da preparação pedagógica, a gestão do currículo e a relação professor-aluno, e por ultimo abordaremos o professor e as tecnologias.

Este quarto eixo compreende o domínio que o professor deve ter da tecnologia educacional, sua importância para que o processo seja dinâmico e competente na condução do processo de ensino-aprendizagem. Nenhum educador nos dias atuais pode ignorar todas as tecnologias que temos a disposição, é evidente que o professor melhor qualificado e que domine as tecnologias para inseri-las em sala de aula, terá resultados mais consideráveis naquilo que propõe, alcançando seus objetivos mais rapidamente.

Não deveria, mas mesmo vivendo em uma era tecnológica, onde a sociedade esta informatizada, ainda há professores que não tem nenhum domínio das tecnologias, não conseguem operar os equipamentos, limitam-se ao quadro e giz. Fica evidente a falha na formação deste professor, mas não podemos dizer que não há ferramentas que ofereçam essa possibilidade, pelo contrario, há uma infinidade de cursos, inclusive gratuitos, que pode

favorecer a apropriação deste conhecimento, dando assim a possibilidade para o professor aprender a operar tais equipamentos e as mais diversas formas de utilizar a internet e seus recursos.

Masetto (2008) nos diz que ter domínio sobre a tecnologia educacional é percebê-la como um meio para dinamizar as aulas, não que esse domínio fara com que se façam melhor as coisas velhas, a proposta é tornar o professor capaz de fazer melhor as coisas novas.

Diante desta perspectiva de um professor melhor preparado para exercer a docência, que tenha uma postura que possa colaborar de fato com a mudança da sociedade iremos refletir sobre a função social do ensino superior.

ENSINO SUPERIOR E SUA FUNÇÃO SOCIAL

A prioridade do ensino superior deve ser a criação e produção cultural, o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo e o desenvolvimento do espírito científico. Para Masetto (2008, p.14), “[...] a função do Ensino Superior é de criar situações favoráveis ao desenvolvimento dos aprendizes nas diferentes áreas do conhecimento, no aspecto afetivo-emocional, nas habilidades e nas atitudes e valores”.

Contudo, para que a postura de produção e não transmissão de conhecimento seja efetivada, os estabelecimentos de ensino superior, juntamente com seu corpo docente precisam se desprender do modelo de ensino tradicional, aulista e transmissor de ideias, se faz necessário a renovação de metodologias ultrapassadas, apropriando-se de uma nova prática docente capaz de associar o ensino a realidade social e as necessidades do mundo moderno.

Assim, a educação superior precisa trabalhar a consciência do seu educando, de forma que ele possa valorizar a produção e a apropriação do conhecimento, a pesquisa, a formação continuada, a cooperação entre educador e educando, o pensamento crítico e a consciência social. Enfim é necessário que o educando perceba que a democracia, a participação ativa na sociedade, o compromisso com o próprio desenvolvimento intelectual e atuação ética na educação são valores que devem nortear a formação e são indispensáveis para o desenvolvimento integral do educando.

Evidentemente para que o ensino superior possa de fato cumprir sua função social de promover a transformação da sociedade, com a formação plena do educando, se faz necessária

a conscientização do docente para que busque a formação adequada para desenvolver suas aulas.

O ATO DE EDUCAR COM ÉTICA

Quando falamos em moral e ética, há uma ideia de que ambas são uma só, etimologicamente falando, entretanto cada uma tem um conceito diferente.

Segundo Savater (2002) A moral nada mais é do que o conjunto de comportamentos e normas construídos historicamente por indivíduos de determinadas comunidades, ela não é uma característica inata, mas um mecanismo para que os homens consigam viver em sociedades estáveis. Apesar de existirem diferenças etimológicas, conclui-se que tanto a moral quanto a ética se completam, já que estes precisam caminhar juntos. Tal relação pode ser comparada a do professor-aluno, que estão intimamente ligadas.

A ética para Savater (2002) “nada mais é do que uma tentativa racional de procurar viver melhor, de forma humana, com outros humanos”. Daí, a distinção da ética para a moral, ética é uma filosofia que tem como objetivo recomendar e estabelecer os tipos de ações e ou maneiras de viver, diferenciando as corretas das incorretas, virtuosas ou não, boas ou más. Ética se relaciona a ação e não a aprovação de nossos atos, e a reflexão da ação, teoria que conduz à prática.

Por que educar com ética? Porque esta postura é indispensável para que de fato a educação faça acontecer o desenvolvimento pleno o educando dentro do contexto educacional, dentro desta perspectiva o profissional deve conciliar a ética de sua carreira profissional com a técnica e a arte de educar, entretanto não é isso que vem acontecendo nos meios educativos, já que a ética tem sido negligenciada dentro do fazer educacional. Desta forma, será possível formar pessoas críticas sem o uso da ética? não deveria ser ela o elemento essencial para transformar o fazer pedagógico, já que os docentes tem seus educando a sua disposição para forma-los e transforma-los em cidadãos críticos?

Refletindo a respeito da postura dos indivíduos diante da ética, Freire afirmar que:

Estar longe ou fora da ética, entre nós, mulheres e homens é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. (1996, p. 17).

É impossível imaginar que alguém esteja distante das dimensões éticas da sociedade, e o professor enquanto formador de opiniões deve sempre estar pautado no comprometimento com ações pedagógicas éticas, daí a educação poderá tornar o ambiente de trabalho mais saudável. Assim, Ferreira esclarece que a:

[...] profissionalização não é e nem pode ser apenas sinônimo de competências e habilidades técnico-científicas, mas acima de tudo, deve significar compromisso e respeito pelo outro, [...] o ambiente de trabalho deve ser verdadeiramente humano. (2006, p. 206).

Diante da necessidade de exercer a docência de forma ética, uma vez que o docente necessita perceber que está trabalhando com indivíduos que buscam o conhecimento crítico-reflexivo, buscando assim ter compromisso e respeito ao apresentar os conteúdos, assim a ética e prática pedagógica devem caminhar juntas, viver harmonicamente dentro do processo ensino-aprendizagem. Mas, como ensinar princípios éticos e valores morais, dentro de uma sociedade capitalista, será que o próprio professor tem dentro de si estes valores? Sabe que de certa forma, mesmo que não tenha consciência é um espelho, tanto para os alunos quanto para a sociedade?

O que vemos são discursos ideológicos que se perdem nas ações, muitos docentes falam em ética, em visão crítica, em reflexão, mas não vivem e muitas vezes não possuem ou tem consciência destes valores, ou seja, uma ausência da ética dentro da prática pedagógica se fala em ética, mas não se pratica em sala de aula, não favorecendo ao aluno a criação de uma visão crítica e reflexiva da sociedade e de suas próprias ações dentro dela.

Não há uma preocupação em aliar ética e educação, daí surge uma das causas da desvalorização da profissão de professor.

Entendemos ética como o sentido que se dá a profissão, a atitude de respeito e de compromisso com o aluno e com sua aprendizagem, indiferente de quem ele seja, onde more, a escola que frequenta, principalmente se aquele aluno não tem acesso à infraestrutura cultural como jornais, Internet e outros. Muitas vezes o professor é a única via de conhecimento sistematizado que o aluno tem e este boicota esse conhecimento ou não o conduz com a seriedade devida [...]

Assim vemos que as relações dentro da sociedade implicam intrinsecamente ações morais, valores como: honestidade, solidariedade, lealdade, decoro, descrição, compromisso, respeito, probidade, altruísmo, abnegação, magnanimidade, disciplina, dignidade, dedicação, responsabilidade, zelo, honra, diligência, confiança, entre outros, nos ajudam a entender a importância da ética dentro da educação, no fazer pedagógico.

O que precisa mudar é a prática pedagógica, o trabalho escolar, este deve se adequar a realidade atual da sociedade, deve haver um código de ética, uma diretriz que norteie a formação do profissional de educação, para que não haja mais o que vemos hoje, uma lacuna na formação. Esta lacuna acontece porque não há de fato, uma discussão que leve a mudança das práticas, ao aperfeiçoamento do fazer docente não há uma avaliação da prática para que esta se torne eficaz, continuam planejando de forma utópica, falam das experiências, dos problemas, mas na verdade não buscam soluções, não mudam a forma de trabalhar a formação do professor, daí não há efetivamente a adequação da formação a necessidade da sociedade. Para Freire (1996, p.106):

Nunca me foi possível separar em dois momentos o ensino dos conteúdos da formação ética dos educandos. A prática docente que não há sem a discente é uma prática inteira. O ensino dos conteúdos implica o testemunho ético do professor. A boniteza da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético. Não há nesta boniteza lugar para a negação da decência. [...]

Veiga e Araújo (2007), afirma que o código de ética é o instrumento normativo de qualquer profissão é construído por meio de diálogos entre os profissionais, formado por princípios e diretrizes, que estabelecem as orientações éticas que norteiam o exercício da profissão, ou seja, é o compromisso que o profissional tem com sua atividade profissional, e daí com a sociedade, que guia o profissional nas suas ações, não pode e nem é um documento de gaveta, construído sem discussões, sem revisões, precisa ser repensado, adequado, alterado sempre que necessário.

Dentro deste pensamento o professor precisa ter a clareza que a ética é princípio determinante para garantir uma formação eficaz e eficiente de indivíduos reflexivos e éticos dentro da sociedade capitalista, buscando evitar a alienação da sociedade. Mas isso depende de uma reflexão sobre a importância da ética dentro da profissão de docente, partindo de estratégias éticas que possam promover tanto o crescimento profissional quanto a preparação dos que estão dentro do processo ensino-aprendizagem.

Partindo desta postura o profissional da docência seria de fato um formador de opinião, ser docente e deve ser um profissional que possui formação completa, com valores morais, políticos e éticos, tendo compromisso pleno com a formação dos acadêmicos, promovendo a autonomia destes, bem como ter compromisso com a evolução da sociedade e seu crescimento, isso é o que todo docente precisa aprender e praticar.

AVALIAR COM ÉTICA, UMA AÇÃO NECESSÁRIA.

Para iniciar esta reflexão a cerca de um tema muito complexo e discutido é preciso conhecer o que realmente é avaliação e como utiliza-la como instrumento de colaboração para o sucesso do processo de ensino aprendizagem, já que cada um atrela a avaliação a sua própria concepção de educação. Para entendermos melhor sua dimensão e suas implicações na pratica docente, veremos algumas definições.

A avaliação é uma tarefa didática necessária e permanente do trabalho docente, que deve acompanhar passo a passo o processo de ensino e aprendizagem. Através dela os resultados que vão sendo obtidos no decorrer do trabalho conjunto do professor e dos alunos são comparados com os objetivos propostos a fim de constatar progressos, dificuldades, e reorientar o trabalho para as correções necessárias (LIBANEO, 1994, p.195).

Conceber a avaliação como parte de todo o processo educativo é entendê-la como ferramenta importante para a promoção da aprendizagem. Dai a necessidade de tornar este processo continuo não se limitando apenas a provas escritas que muitas vezes não oferecem resultados capazes de analisar o grau de aprendizado e desenvolvimento do educando.

A avaliação, aqui, apresenta-se como meio constante de fornecer suporte ao educando no seu processo de assimilação dos conteúdos e no seu processo de constituição de si mesmo como sujeito existencial e como cidadão (LUCKESI, 1997, p.174)

Nesta visão de educação a postura aulista de avaliar, avaliando apenas o aluno e sua capacidade de memorização, é ultrapassada, não se pode entender o aluno como ser passivo, um mero receptor de informação, tão pouco o professor como repassador de conhecimento e não sendo o mediador do processo de construção do conhecimento no qual o aluno é um ser ativo e colaborador. A avaliação não pode punir, rotular, ferir a dignidade do aluno, mas sim procurar entender o porque o aluno errou e como leva-lo ao acerto. .

Todo professor deve ter consciência que “[...] a aprendizagem envolve erros, que errando também se aprende e, em especial, que os erros cometidos abrem, para os professores, perspectivas de aprender a ensinar melhor.” (DAVIS; GROSBAUM, 2002, p. 110). Partindo deste entendimento o professor passará a avaliar primeiro o seu planejamento, sua metodologia, sua postura durante o processo e principalmente avalie o quanto está sendo ético no ato de avaliar.

A avaliação deve ser sempre da aprendizagem, do processo, quando isso acontece há uma avaliação de forma ética, justa, sem prejudicar o educando, buscando criar um ambiente propício a aprendizagem, avaliar de forma contínua, colocando os aspectos qualitativos sobre os quantitativos, proporcionando também ao professor um maior conhecimento sobre as dificuldades de seus alunos.

A avaliação da aprendizagem nesse contexto é um ato amoroso, na medida em que inclui o educando no seu curso de aprendizagem, cada vez com qualidade mais satisfatória, assim como na medida em que o inclui entre os bem-sucedidos, devido ao fato de que esse sucesso foi construído ao longo do processo de ensino-aprendizagem (o sucesso não vem de graça). A construção, para efetivamente ser construção, necessita incluir, seja do ponto de vista individual, integrando a aprendizagem e o desenvolvimento do educando, seja do ponto de vista coletivo, integrando o educando num grupo de iguais, o todo da sociedade (LUCKESI. 1997, p.175).

É equivocada a ideia de avaliar todos de forma coletiva, uma vez que, os alunos não são iguais, cada um possui sua individualidade, competências, habilidades, valores afetivos e sociais próprios, portanto o professor precisa enxergar seu aluno com um ser único, e daí poderá valia-lo de forma mais eficaz.

Diante disso, precisamos mostrar que a postura de um professor que julga, que pune seu aluno simplesmente por achar que este não tem a capacidade de aprender ainda esta muito viva na cabeça dos docentes, no entanto é necessário se o aluno não consegue aprender ou é o professor que não aprendeu a ensinar.

O docente precisa mudar sua prática, deixar de ser mero repassador de saber e passar a dominar, por meio da pesquisa e da formação continuada os mais diversos saberes, tornando-o capaz de tomar decisões e de refletir sobre as mais complexas situações que venham a surgir. O trabalho de um docente é responsável pela formação de cidadãos conscientes, pela produção dos saberes sociais, pela mudança da sociedade e daqueles que dela fazem parte. Para tanto avaliar de forma construtiva, crítico-reflexiva, e ética é estar colaborando para o aperfeiçoamento do conhecimento adquirido pelos seus educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que essa produção tenha conseguido atingir seus objetivos, que através da leitura deste artigo os docentes possam refletir sobre suas práticas, analisando se estas estão adequadas ou se podem muda-las para garantir uma aprendizagem mais consistente ao seu docente, ou mesmo abrir mão da postura de professor preocupado apenas com o ato de dar aula e tomar uma postura mais ética, primando pela interação entre os membros do processo ensino-aprendizagem, apropriando-se das ferramentas tecnológicas, buscando promover aulas dinâmicas, com resultados mais positivos, instiguem os alunos, a pensar, refletir e aprender a aprender, colaborando para que o ensino superior cumpra seu papel social de transformação da sociedade.

Neste artigo foi mostrado que há a necessidade de repensar a formação pedagógica do professor universitário, adequando a sua ação pedagógica a necessidade atual da sociedade, trabalhando com ética e garantindo o respeito ao aluno, suas individualidade e tendo como foco principal a aprendizagem por meio de uma educação que seja útil para a vida.

Espera-se que após este trabalho o professor aulista possa tomar uma nova postura, mais ética e compromissada com a formação de cidadãos e não apenas com o compromisso de repassar conteúdo, educar para a vida é educar para a liberdade. A humanização da educação é essencial para a transformação da educação superior e conseqüentemente para a produção de profissionais mais bem preparados para enfrentar os desafios do cotidiano.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB N°. 9.394/96, 20 dez. 1996.

DAVIS, Cláudia. et al. Avaliar a escola é preciso. Mas... que avaliação? In: VIEIRA, Sofia Lerche (Org.). Gestão da escola: desafios a enfrentar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 113-137.

FERREIRA, Bruna Milene. Ofício do professor universitário: o ethos do mestre. Revista Acadêmica UNIFAN, Aparecida de Goiânia, ano 3, n. 4, p. 203-217, jan./jun. 2006.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 30. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. Metodologia do Ensino Superior. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. Cortez Editora: São Paulo, Coleção Magistério 2º Grau Série Formando Professor, 1994.

LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem Escolar, 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MASETTO, Marcos Tarciso (Org.) **Docência na universidade**. 9. ed. Campinas: Papirus, 2008.

RAUBER, Pedro. **História da Educação**. Dourados: UNIGRAN, 2009.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro; ARAÚJO, José Carlos Souza. Ética e profissionalização docente. Revista de Educação PUC-Campinas, Campinas, n. 22, p. 41-55, jun. 2007. Caderno Discente do Instituto Superior de Educação – Ano 2, n. 2 – Aparecida de Goiânia – 2008 62